

(um arranjo de Roberto Lis).

R - Você vae bem, Belarmino?

B - Vê mais ou meno, sia dona, quem num vae bem é o menino.

R - Que é que elle tem stá doente?

B - E verdade, sim, sia dona, ia tão bem o rapaiz, começaram a apontá os dente, começaram a da pra traiz.

R - É uma cousa perigosa na creança a dentição; é preciso cuidar muito, ver bem a alimentação e ter bastante cuidado; é pouca toda a ttenção.

B - Puis cumo não, dona Rosa, é um pirigo nessa indade; pur isso que eu truxe elle pra consurtá na cidade. A Zéfa ficô danada, disse que era uma bestera gastá dinheiro em dotô. Diz que hay tanta benzedera. Mas a gente se arreceia de acontecê quarquê coisa e a gente ficá cum ~~agua~~ *do*.

R - E a Zefa, teve a creança?

B - Num teve, não, que esperança, ~~tava cum barriga d'agua.~~ *foi ingano dos dotô*

R - Veja só!... ~~o melhorou?~~ *que brncadera!*

B - ~~melhorou sempre um mucado~~ *dispois que a agua secou.* ~~nesse tempo a benzedera~~ *foi a que mais acerto.*

R - ~~E o nosso sitio, meu velho,~~ *ora veja, o sitio é bom.* que noticias traz de lá?

B - Tá tudo bño, tudo certo. Escuite, vô le contá: deu a peste la por perto, nós gado das visinhança que le digo! Uma matança piô que a de Itararé. As vaca e os ternero tudo chegava a morrê de impê.

R - E o nosso gado bovino, como é que está, Belarmino? Não terá perigo, não?

B - Óie sia dona, pirigo, pirigo agora num tem entrô tudo pro cordão, já murreu tudo tombem.

R - Não me diga!... Que desgraça!... Você não me avisou nada. Meu Deus, que peste danada! Quanto dinheiro eu perdi!...

B - Verdade. Munto dinheiro. Não le avisei mais premero. Pruquê tava só esperano

que acabasse a mardição pra trazê a relação de todos que falecero.

R - Meu Deus! Que noticia triste! E o meu cavallo tostado será que morreu tambem?

B - Tomem morreu, póvresinho!

R - Meu Deus, que enorme tristeza! Quanto desgosto se tem!...

B - O mais tá que é uma belleza, o resto vae tudo bem.

R - E agora diga uma cousa, Belarmino, a plantação nos promette resultado? Nos dará compensação? O milho cresceu bastante como o do Juca Trindade?

B - Si cresceu, barbaridade!... As verdura, então, crescero di dá inspanto na gente; cada repoio tão grande, do tamanho duma bola!...

R - Muito bem; em todo o caso, ao menos isto consola.

B - Puis é, sia dona, eu le digo que tava memo cuntente; só deu repoio graúdo, mas veio o raio da inchente levô as verdura tudo!

R - Deus do Céu! Virgem Maria!... Que tamanho pezo o meu. Você não me disse nada, nem ao menos me escreveu.

B - Num diga isso, sia dona, tumei lôgo as purvedencia, fui na ingreja do Rosario e pedi pro seu vigario botá tudo num papê; dispois fui lá na instação butei a carta no trem, cumo os trem tava parado decerto ella veio a pé.

R - A enchente, então, foi das brabas, não perdoou a ninguem?

B - É verdade, sim, sia dona.

R - Meu Deus, que barbaridade!...

B - O mais num hay novidade, vai tudo correndo bem.

R - Agora, seu Belarmino, não adeanta chorar; o pezo foi pezo mór. Contudo, resta inda a caza, podia ser bem piór. Estou pretendendo, agora, que o verão está pra chegar,

quando o vento voltar a chazar

passar uns dias lá fóra,
no sitio, pra descansar.
Deixar um pouco a cidade
e os calorões do verão.
Já fallei ao Simeão
para ir lá caiar a casa,
mudar a côr da pintura,
mudar os vidros quebrados
e trocar a fechadura
daquella porta da frente,
e ali, no quarto da gente,
fazer mais uma janella.
A casa eu quero que fique,
por fóra, toda amarella.
Vou levar muitos amigos,
o Jôca, a Thereza, a Ritta...
Não ficaria bonita
pintada assim como eu digo?

B - Eu gôsto mais do incarnado,
é cô di mais aligria;
a cô que o sôr pinta o céu
quano vae morrendo o dia.
As jinella amarellinha,
briando á luz do luar
e as gaiola doradinha,
pindurada na varanda
e os passarinho a cantá.

R - Que belleza, Belarmino,
fico toda enthusiasmada!
Vae ficar bonita, mesmo,
a casinha assim pintada.
Vou tambem mandar mudar
umas telhas no telhado
e você cuide bastante
das flôres do avarandado.
Quero ver tudo florido,
sentir o aroma das flôres,
ouvir o canto das aves,
gorgeando os seus amôres!

B - Dispois, di noite, ao luar,
ouvi o canto do sapo
na Lagôa do Fundão;
vê as estrellas de prata
si acordá coas serenata
dos cantadô do sertão!
Não si acumpara, sia Dona,
a vida que lá si véve,
coéssa vida da cidade.
Tô muito triste, sia dona,
sei que vô le entristecê,
mas deu-se um causo na casa
que eu perciso le dizê.

R - Diga o que foi, Belarmino,
meu Deus do céu! Que destino
a casa terá levado?!...

B - Puis veio um raio marvado,
numa noute de tormenta
que quage que me rebenta
cum muié, cum fio e tudo.

R - Deus meu! que pezo bicudo!...

B - Deixe le contá dereito
o causo que se passou-se;
té hoje parece um sonho!
Si ouviu-se um truvão medonho

di riba do firmamento,
corremo tudo pra vê,
lôgo no mêmo momento.
O ocalipi dirrubado,
bem pur riba do telhado,
tava cumeçano a ardê;
O cachorro tava morto,
anssimoco pesçoço torto,
té di lembrá mi acomóve,
os ôio duro, parado,
anssim bem alumiado
cumo faró de artomove.
Dento de mais um mucado
a casa já tava a ardê,
o diabo tava sôrto
que ninguem pôde prendê.
A muié gritava tanto,
num tar berrero de inspanto
que parecia busina;
ficô maluça, maluça,
chorava que nem menina,
agarrada no retrato
da Santa Rita de Cassia.
Dispois ficô tom duente
que eu inda fui na pharmacia
pra comprá uma suspirina.

R - Meu Deus, que cousa horrorosa!...

B - Puis é anssim, dona Rosa,
a casa o fogo quimô.

R - Vejá só que cousa infame!
Quer dizer que do meu sitio,
sômente o campo restou?

B - O campo e cerca de arame.
Mas ôie aqui, é verdade,
ficô as cochera, tombem.

R - Meu Deus, que barbaridade!...

B - O mais num hay nuvidade,
vai tudo correndo bem.